

Uma tradição literária encara seus impasses

Dankar Bertinato Guardiano de Souza*

RODRIGUES, Sérgio. *A vida futura*.
São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

Não é de hoje que Sérgio Rodrigues é um autor interessado no diálogo com a tradição literária e cultural brasileira. Em *O dribble* (Companhia das Letras, 2013), seu romance mais famoso, acompanhamos as diferenças geracionais entre Murilo Neto, revisor fracassado de meia idade, e seu pai, Murilo Filho, famoso cronista esportivo aposentado. Além de colocar o futebol como tema da obra (cuja raridade em nossa literatura contrasta com sua enorme popularidade), Rodrigues apresenta, através desses dois personagens, uma visão fraturada do Brasil. Murilo Filho revisita a história do futebol brasileiro como quem nutre o “desejo de encontrar antes que fosse tarde demais uma explicação totalizante para o Brasil” (Rodrigues: 2013, 63). Para Neto, um nostálgico da cultura *pop* dos anos 1960 aos 1980, essa ambição é completamente antiquada: “Não entende ou não quer entender que já era, estilhaçou tudo, fodeu tudo. Não tem mais Brasil, se é que um dia teve. Não tem um país só” (Rodrigues: 2013, 146).

* Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará (UFPR).

O tema da coexistência de diferentes Brasis se reproduz nas narrativas dos dois personagens: na de Murilo Filho em relação a Peralvo, jovem negro nascido na fictícia Merequendu, cujos poderes sobrenaturais o transformam em um jogador de futebol melhor que Pelé, mas que é aleijado por um militar durante a ditadura militar; e em relação a Gleyce Kelly, jovem de classe baixa com quem Neto se envolve condescendentemente. Também são interessantes os procedimentos formais adotados para sinalizar as diferenças culturais entre pai e filho ao longo do romance. A narrativa principal, centrada em Neto na terceira pessoa, marca os diálogos com aspas, por exemplo, recurso típico da literatura anglófila e, em tempos de globalização, recorrente em todo o mundo. A narrativa em primeira pessoa de Murilo Filho, por sua vez, assinala os diálogos com travessões e apresenta uma prosa mais informal e bem-humorada, próxima das crônicas de Nelson Rodrigues, por exemplo, nome constantemente evocado no romance e possível modelo para o personagem.

O livro seguinte de Sérgio Rodrigues, a coletânea de contos *A visita de João Gilberto aos Novos Baianos* (Companhia das Letras, 2019), não é menos preocupado com essas questões. Sua primeira parte, intitulada “Lado A”, apresenta três contos em que predomina o diálogo com episódios da história e da cultura nacional: a dramatização do encontro musical no conto que dá título ao livro; uma recriação de *Dom Casmurro* em “A fruta por dentro”; e uma história sobre desejo sexual no contexto da Inconfidência Mineira em “*Vas preposterum*”. No “Lado B”, três contos não narrativos discorrem sobre as possibilidades e impossibilidades da ficção e da linguagem para a compreensão do

mundo. Há ainda uma seção contendo a novela “Jules Rimet, meu amor (Folhetim)”, publicada originalmente em francês no jornal *Le Monde* durante a Copa do Mundo de 2014 e espécie de trama de espionagem sobre o roubo da Taça Jules Rimet. A novela não se relaciona tanto com os outros temas do livro, mas é exemplar de outra característica recorrente no autor: o uso de recursos associados a formas literárias “populares”, no caso o *thriller*. Todos esses elementos reaparecem em sua obra mais recente, o romance *A vida futura* (Companhia das Letras, 2022).

O diálogo com a tradição literária brasileira está dado desde a premissa de *A vida futura*. O romance é narrado pelo espírito de Machado de Assis e coprotagonizado pelo de José de Alencar, ambos referidos apenas como “Jota”, que decidem abandonar o céu dos escritores ao saberem de um projeto para reescrever suas obras a fim de torná-las mais acessíveis. O plano é voltar ao Rio de Janeiro para puxar os pés da encarregada do projeto, a professora Stella McGuffin Vieira. A piada é clara: popularizado pelo diretor Alfred Hitchcock, McGuffin (ou MacGuffin) é o nome dado a um objeto ou acontecimento que impulsiona os personagens, mas que é, em última instância, irrelevante para a trama. O mesmo se dará em *A vida futura*, já que o romance não traz qualquer resolução para sua premissa, centrando-se, ao contrário, na perplexidade dos personagens diante do Brasil contemporâneo, como em relação ao poder das milícias nos morros e aos debates identitários nas universidades.

Numa emulação do estilo tardio de Machado, o romance é estruturado em torno de capítulos muito curtos (todos com títulos) e com as recorrentes digressões e ironias associadas aos

narradores de obras como *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*. Todavia, Rodrigues não abandona características próprias alheias à escrita de Machado de Assis, preferindo justificá-las, dentro do pacto ficcional, como mudanças adotadas pelo próprio narrador ao entrar em contato com autores posteriores à sua morte, por exemplo. Percebe-se, então, que a finalidade do projeto do romance de Rodrigues não é o pastiche em si. Ao contrário, o uso de Machado de Assis como narrador e personagem cumpre uma função; é um meio para pôr em choque uma tradição literária e a realidade contemporânea não mais abarcada por ela. Para isso, Rodrigues não se limita a abordar o anacronismo entre a visão de mundo de seu narrador e do mundo que ele encara, embora também o faça, e com sucesso: trechos em que o narrador se espanta diante de termos que lhe parecem incompreensíveis como “*cisgênero, epistemologia decolonial, todes*” (Rodrigues: 2022, 61) cumprem sua função cômica. Todavia, é ao apresentar impasses mais complexos que o romance ganha força.

Por exemplo, o debate racial em torno do próprio Machado de Assis. É ainda cômica a cena em que os dois Jotas escutam um professor acadêmico destacar a irrelevância de Alencar aos olhos das pautas contemporâneas, tornando inútil sua reescrita, enquanto Machado de Assis valeria a pena pelo fato de ser negro (Rodrigues: 2022, 68), o que culmina no espanto do espírito de Alencar ao cogitar pela primeira vez a hipótese de seu amigo não ser branco. O que se segue, porém, é um debate mais sério. Uma aluna, Mariana, protesta que a genialidade de Machado viria justamente de sua posição ambivalente em relação à socie-

dade brasileira, na qual, ao mesmo tempo que certamente não era branco, tampouco evidenciava a própria raça em suas obras (Rodrigues: 2022, 73). O Machado de Sérgio Rodrigues parece concordar com essa posição, se sentindo tão pouco representado pelo “negro” quanto pelo “grego” com que um contemporâneo seu tentou descrevê-lo: “Ambos, grego e negro, pareciam-se bidimensionais, figuras recortadas em papelão num teatro de sombras. Onde estava eu?” (Rodrigues: 2022, 70). Se há ironia a respeito dos reducionismos nos quais pode recair certa retórica progressista contemporânea, o racismo da classe intelectual brasileira “tradicional” não passa incólume. No capítulo XLVI, Machado lê por cima dos ombros de Mariana um texto abjeto de Peregrino Júnior, presidente da Academia Brasileira de Letras entre 1956 e 1957, em que se argumenta que o autor de *Dom Casmurro* tornou-se fisicamente “branco” na medida em que se “civilizava” e se “europeizava” culturalmente (Rodrigues: 2022, 143-146).

Há ainda no romance de Rodrigues espaço para reflexões sobre o estatuto da ficção no mundo de hoje, semelhantes ao “Lado B” de *A visita de João Gilberto aos Novos Baianos*. Mas são reflexões sugeridas pelo enredo e pela forma. Por exemplo, a condição dos Jotas enquanto romancistas e espíritos lhes permite o exercício da onisciência em relação às pessoas das quais estão próximos. Assim, Rodrigues parece concordar, parcialmente, com o juízo do professor caricato ao fazer com que seu Alencar tenha o espírito “dissolvido” ao entrar em contato, por vários dias, com a consciência de um miliciano. O que parece estar simbolizado nessa cena é uma inadequação da forma literária alencariana para se relacionar com aspectos da realidade brasileira

contemporânea, no caso sua violência sistêmica. Enquanto isso, o personagem correspondente a Machado de Assis e, por conseguinte, sua *forma literária* são mais resistentes. Mas também eles encontram limitações. Capaz de “ler” diversos personagens, sua onisciência trava diante de Mariana, objeto de sua obsessão ao longo da segunda metade do romance. Mariana é tamanho enigma para o narrador não tanto por ser pobre, mulher ou negra (afinal, o narrador é capaz de “ler” seu pai e sua irmã), mas principalmente por se identificar como pessoa não binária (por conta disso, prefere ser chamada de “Mar”, mas se apresenta assim apenas às pessoas do ambiente acadêmico). “Eu era o passado”, o narrador reflete, “Mar, o futuro” (Rodrigues: 2022, 136). Sugere-se, assim, a limitação de uma forma narrativa mais tradicional, que o próprio Sérgio Rodrigues parece reconhecer como a sua. Se a representação do Outro foi uma questão central na história da literatura, e especificamente na brasileira, os debates identitários modernos, relacionados à ideia de lugar de fala, impõem uma nova demanda: a de que a representação de grupos marginalizados seja feita por eles mesmos, via uma literatura do Eu. Rodrigues opta por não silenciar a respeito do impasse, mas sim torná-lo tema e forma: diante de Mar, restam ao narrador tradicional “os verbos de ação” (Rodrigues: 2022, 137), a fim de fazer uma aproximação respeitosa; um reconhecimento do Outro sem apropriação, por assim dizer.

Relembremos a crítica que faz Murilo Neto ao pai, em *O dribble*: “Ele não entende ou não quer entender que já era [...] Não tem mais Brasil, se é que um dia teve. Não tem um país só” (Rodrigues: 2022, 146). Curiosamente, o comentário lembra a

represália que Paulo Franchetti faria à disciplina da história literária. Uma das censuras do crítico, como Luís Bueno resume em um artigo em resposta, seria ao fato de a

utilidade da história literária no Brasil depende[r] de um conceito uno de nação, de um “nós” que identifique o brasileiro para além de distinções de “classe, gênero, etnias e extração cultural” [...], algo simplesmente inaceitável em nossos dias (Franchetti *apud* Bueno: 2012, 206-207).

Segundo Bueno, tais fissuras, entretanto, não inviabilizam a história literária, desde que se mude o foco de uma *identidade nacional* para o de uma *tradição literária* “que sempre está sendo refeita” e “não poderá, jamais, ser coes[a]” (Bueno: 2012, 211). Sérgio Rodrigues constrói, em sua ficção, algo semelhante. Um dos maiores interesses em sua obra é o seu diálogo crítico com tradições literárias já consolidadas no Brasil, a fim de refletir sobre suas limitações diante das fissuras do país, antigas e atuais. *A vida futura*, mais do que qualquer outra obra do autor até o momento, é exemplo disso.

Referências

BUENO, Luís. “Depois do fim: ainda história de literatura nacional?” *Revista Matraca*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 31, pp. 205-217, jul./dez. 2012.

RODRIGUES, Sérgio. *O dribble*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

RODRIGUES, Sérgio. *A visita de João Gilberto aos Novos Baianos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RODRIGUES, Sérgio. *A vida futura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.